

Este documento tem o objetivo de resumir o relatório final do II Módulo - Formação Política em Economia Solidária, realizado entre os dias 17 e 21 de outubro de 2011 na Escola Nacional Florestan Fernandes, em Guararema, SP. O resumo é composto pelos eixos temáticos que guiaram a formação.

Capitalismo e Lutas de Resistências

Este eixo foi o primeiro a ser debatido, e com isso teve o papel de guia para o restante dos debates. A proposta foi colocar de forma clara a economia solidária como um movimento social anti-capitalista, com viés socialista e que busca acumular junto às massas a construção de um outro modelo de sociedade.

Na visão colocada pelo MST, a economia solidária é uma forma de reconhecer o trabalho nos acampamentos e de organizar os trabalhadores em cooperativas. Foi destacado também o papel da comercialização, que abre pontos de convergências entre a economia solidária e outros movimentos através das centrais de comercialização coletivas.

Finalmente, ficou claro que qualquer formação em economia solidária deve, necessariamente, passar primeiro pela compreensão do sistema capitalista. Sem isso, o discurso da economia solidária pode ser facilmente apropriado por atores ligados à manutenção do capitalismo, como o SEBRAE e a responsabilidade social e ambiental de empresas.

Organização da Economia Solidária no Brasil

O debate sobre a organização do movimento de economia solidária no Brasil foi fundamentado por uma apresentação de como funciona o FBES. O desconhecimento deste tema por muitas pessoas do movimento revela uma fragilidade da organização, sobretudo dos Fóruns Estaduais. Outro aspecto que demonstra esta fragilidade é o desconhecimento em relação às deliberações feitas pelo movimento, sobretudo da IV plenária.

Ficou claro que um passo fundamental no fortalecimento dos fóruns é a construção de elementos estruturantes como a carta de adesão, mecanismos de exclusão e registro de atas. Os limites para o diálogo com outros atores foram colocados justamente no princípio anti-capitalista da economia solidária.

Diversos fóruns relataram a necessidade de formação em mediação de conflitos, já que estes estão dificultando o trabalho e afastando militantes em muitos estados. Foi construído coletivamente um roteiro para mapeamento e avaliação dos fóruns, tarefa essencial que ainda não conseguiu ser cumprida.

Outro debate que surgiu foi em relação à falsa contradição que poderia existir entre formação política e comercialização. Diversos formadores relataram a dificuldade em tratar da formação política em suas bases que necessitam da comercialização para sobreviver.

Foi colocado que os espaços não estão preparados para receber outras coisas além da comercialização. Quando o empreendimento entende a luta, nunca mais tira a camisa. Se ele quer mudança no mundo, tem que mudar sua própria vida.

Economia Solidária no Brasil, América Latina e Mundo

A discussão acerca deste tema trouxe fundamentalmente a compreensão sobre as variações sobre o que se entende por economia solidária no mundo. Ficou claro que um movimento social nacional aliado às políticas públicas específicas é uma característica marcante do Brasil, que não é encontrada em outros países.

Foi apresentado o exemplo da Cooperativa Solidaridad Quitumbe, no Equador. A luta por moradia que resultou na organização política e econômica de uma comunidade mostrou uma face comunitária da economia solidária ainda pouco explorada no Brasil. A experiência colombiana, fortemente contextualizada por 50 anos de conflito armado, mostrou como a conjuntura do país influencia de maneira decisiva a organização dos trabalhadores.

No contexto mundial, a autogestão aparece característica forte da economia solidária apenas na América Latina. Na Europa, Canadá e África ela também é associada a movimentos comunitários, atividades econômicas sem intenção de lucro, questão ambiental, indígenas, grupos de autoajuda e grupos de consumo.

Comunicação – A Experiência da Recid

O seminário contou com a apresentação da Recid, com foco na comunicação. A Recid se aproxima do CFES por seu caráter de rede de educadores populares aliados aos movimentos sociais. A principal diferença se encontra no caráter “pé dentro (do governo) e pé fora (nos movimentos sociais)” que a Recid assume.

Para a Recid, o exercício de escuta é forma de comunicação, umas das principais. “Comunicar é coparticipação dos sujeitos no ato de pensar, implica numa reciprocidade que não pode ser rompida, o que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo.” (Paulo Freire)

Percurso Pedagógico

A oficina sobre percurso pedagógico ressaltou a necessidade do planejamento nas atividades de formação, mesmo que o planejamento não seja seguido à risca. O planejamento dá segurança aos educadores. Foi ressaltado também que se deve evitar trazer disputas do fórum para a formação.

Formação e prática devem estar ligadas porque a formação alimenta a nossa prática, e deve se alimentar da prática. Aprender com a prática e voltar para a prática, aprender fazendo, a partir do chão de trabalho. Os aspectos metodológicos foram vistos como importantes para planejar os conteúdos educativos, organizando os temas, os tempos, o ambiente e a mística que cria identidade, cultiva valores e princípios norteadores.

Para exercitar o conteúdo visto, os educadores por região fizeram o planejamento de uma atividade formativa com os conteúdos vistos nos dias anteriores da Oficina.

Planejamento de atividades

Foi reforçada a necessidade de planejar e ter objetivos claros para utilizar os elementos e parcerias que fortaleçam o movimento. Se não soubermos o que é formação política para a economia solidária, poderemos formar para a microempresa, para coisas que não nos identificam. É necessário identificar as forças de integração a aquelas contra as quais devemos lutar. Também é fundamental compartilhar o poder para que haja sustentação do movimento, visto que a cooperação é também uma estratégia política de organização.

O planejamento deve sempre considerar a realidade em movimento, a correlação de forças e os recursos disponíveis.

Redes

A construção da rede de educadores foi uma das demandas que gerou a construção do CFES, apontada na IV Plenária do FBES, sendo debatida e construída pelo movimento nos últimos anos. Um diagnóstico que estruture os trabalhos da rede para maior autonomia e fortalecimento são fundamentais nesta etapa de finalização do projeto. Este diagnóstico foi feito a partir das perguntas: “Qual a necessidade de criação da rede ou organização coletiva?”; “Quais os princípios e valores para a construção da identidade coletiva?”; e “Quais as afinidades entre os sujeitos da rede?”

A partir das respostas, os educadores devem levar para seus estados a proposta da construção das redes de educadores da economia solidária.

